

## **A MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A INTERDISCIPLINARIDADE COMO AUXÍLIO PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM**

### **MUSIC IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: INTERDISCIPLINARITY TO AID IN TEACHING-LEARNING**

Alexandro do Nascimento Vaz <sup>1</sup>

Tais Cristina Oliveira<sup>2</sup>

#### **RESUMO**

A música é um elemento importante da vida social de várias culturas. A Educação, enquanto elemento cultural, utiliza-se da música como uma ferramenta pedagógica importante e necessária. Assim, é mister analisar e compreender a relação pedagógica que existe entre a música e a Educação. Esse é o ponto de partida do trabalho. Buscou-se, a partir de uma abordagem qualitativa e exploratória, compreender a música como uma ferramenta para o auxílio no desenvolvimento da criança, durante a Educação Infantil. Tendo essa abordagem como ponto de partida, o trabalho tem como objetivo mostrar a importância da música no desenvolvimento corporal das crianças na Educação Infantil.

**Palavras-chave:** Música; Educação Infantil; Interdisciplinaridade.

#### **ABSTRACT**

Music is a very important element of social life in various cultures. Education, as a cultural element, uses music as an important and necessary pedagogical tool. Thus, it is necessary to analyze and understand the pedagogical relationship that exists between music and Education. This is the starting point of this work. From a qualitative and exploratory approach, it was sought to understand music as a tool to help in the development of the child during Kindergarten. Having this approach as a starting point, the work aims to show the importance of music in the corporal development of children in Infant Education.

**Keywords:** Music; Early Child Education; Interdisciplinarity.

#### **INTRODUÇÃO**

A música está inserida na sociedade desde os tempos passados. Com isso, criou-se uma cultura entre as sociedades na qual as crianças têm o conhecimento da música desde muito pequenas.

É uma forma artística por meio da qual as pessoas se expressam demonstrando sentimentos bons e ruins. Embora a área musical tenha diversificação

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação pela Universidade de Passo Fundo (2011). Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia. Atuo na área de Filosofia, fundamentos da educação, filosofia da educação, filosofia do direito, direitos humanos e ética. Atualmente professor da Faculdade Lions (GO); UNIFANAP (Aparecida de Goiânia) e professor da rede Municipal de Goiás (GO).

<sup>2</sup> Graduada em pedagogia pela UNIFANAP (Aparecida de Goiânia).

de gêneros e estilos, a música se encaixa em diversas situações, fazendo com que o clima do ambiente em que a sociedade está fique mais agradável.

A relação da música com a criança pode começar precocemente, desde o ventre da mãe. Especialistas recomendam que as mães coloquem músicas relaxantes para o bebê em seu ventre escutar, desenvolvendo nele um sentimento de calma (BEYER, 2003; FILIPAK, 2005; ILARI, 2014). Depois que a criança nasce, a mãe deve continuar colocando as mesmas músicas nas horas em que o bebê está nervoso, a fim de acalmá-lo. Isso incentivará a criança a apreciar a música desde pequena. Na infância, a música é bastante utilizada, nas brincadeiras, o que ajuda a desenvolver as expressões corporais da criança.

A música é uma linguagem universal e desempenha um importante papel no desenvolvimento integral da criança, pois, através dela, é possível desenvolver a percepção, os sentimentos, imitação, criação e reflexão, além de estimular a memória, a inteligência, ideias, valores culturais e facilitar a comunicação e a socialização.

Dentro do ambiente escolar, a música desenvolve um papel muito importante, pois o seu uso tem por finalidade facilitar o processo de ensino e aprendizagem, além de proporcionar um ambiente mais receptivo e alegre, com experiências que enriquecem e estreitam a relação entre aluno e professor, tornando a escola um lugar onde a criança goste de estar todos os dias.

O presente artigo teve como objetivo verificar como se dá o processo de aprendizagem na Educação Infantil por meio da música e qual a importância da música no desenvolvimento corporal das crianças nessa fase do ensino.

Nesse sentido, apresenta-se a pergunta de pesquisa: de que forma a música influencia no ambiente escolar e como a interdisciplinaridade influencia no ensino-aprendizagem na Educação Infantil.

A música é uma das maneiras lúdicas e divertidas que pode e deve ser trabalhada na escola com as crianças. Segundo Brito (2003, p. 89). “Todo trabalho a ser desenvolvido na educação psicomotora deve buscar a brincadeira musical, aproveitando que existe uma identificação natural da criança com a música”. A atividade deve estar muito ligada à descoberta e à criatividade. A música faz parte da vida da criança; toda brincadeira envolvendo a música se torna aprendizado, facilitando assim seu desenvolvimento escolar.

Neste sentido, para compreender melhor a relação entre música e aprendizagem, abordar-se-á o problema a partir de uma pesquisa bibliográfica e documental (LAKATOS; MARCONI, 2010); tratando primeiramente da história da música e posteriormente a relação dela com a educação.

## **A HISTÓRIA DA MÚSICA E A EDUCAÇÃO**

Dentre as artes – esculturas, pintura, dança, literatura, artes cênicas, cinema – a música talvez seja uma das mais longevas das artes. A música é uma linguagem conhecida em várias culturas e diferentes temporalidades e espaços, o que possibilita que ela seja apreciada por uma ampla gama de pessoas. Outro aspecto importante é o fato de a música estar presente em outras manifestações artísticas. Ela está presente na dança, no ritmo de um texto ou poesia-literatura, nas artes cênicas e, mais contemporaneamente, no cinema.

Embora presente no dia a dia de quase todos, a música deve ter um diferencial de outras artes, ou seja, ela pode ser definida de forma a se diferenciar das demais artes, mesmo complementando-as. Brito (2004) e Vera Brécia (2003) conceituam o termo música como a arte de se combinarem os sons. Som é tudo que ouvimos.

Existem sons naturais e os sons produzidos. Os naturais são os sons emitidos pela natureza como: pássaros, ventos, trovões, entre outros. Os sons produzidos são de instrumentos musicais e a voz.

Essa combinação de sons segue algumas regras ou é composta por alguns elementos importantes. Dentre os elementos que se destacam em uma composição musical, temos melodia, harmonia e ritmo. Porém, quando escutamos uma música, muitas vezes não nos damos conta de cada um desses elementos e da existência de uma diferença significativa entre eles. Em uma determinada música, pode haver predominância de um ou outro elemento. Vamos, assim, buscar explicar e exemplificar cada um deles, começando pela melodia.

A melodia é a combinação de notas musicais com sons sucessivos, um após o outro. Ela dá a identidade da música ao que está sendo tocado ou cantado.

O segundo elemento, a harmonia, é a combinação dos sons simultâneos. A harmonia acontece quando mais de dois instrumentos tocam juntos, como num concerto musical, em que vários instrumentos tocam ao mesmo tempo. Nesse sentido, podemos dizer que a harmonia é o que torna a música agradável aos ouvidos.

O terceiro elemento, o ritmo, pode ser caracterizado pela divisão ordenada de tempos combinando tempos longos e tempos curtos e o silêncio. O ritmo é responsável pela divisão dos estilos musicais. Por exemplo, conseguimos diferenciar uma música sertaneja de um hip hop através da batida do ritmo. De acordo com Brécia (2003, p. 25):

a música é uma linguagem universal, estando presente em todos os povos, independentemente do tempo e do espaço em que se localizam. Sua origem é descrita desde os primórdios, os sons da natureza é um dos elementos que serviram de inspiração para o homem em sua criação.

O silêncio é considerado a ausência de sons, seja ele natural ou não. Karóly (1990, *apud* BRITO, 2003, p. 17) relata que:

No princípio, podemos supor, era o silêncio. Havia silêncio porque não havia movimento e, portanto, nenhuma vibração podia agitar o ar – um fenômeno de fundamental importância na produção do som. A criação do mundo, seja qual for a forma como ocorreu, deve ter sido acompanhada de movimento e, portanto, de som.

Na música, estão presentes o som e o ritmo, que são elementos mais formais e tão velhos quanto o homem. Mario de Andrade (2003, p. 13) diz que:

O que a gente pode afirmar, com força de certeza, é que os elementos formais da música, o som e o ritmo, são tão velhos como o homem. Este os possui em si mesmo, porque os movimentos do coração, o ato de respirar já são elementos rítmicos, o passo já organiza um ritmo, as mãos percutindo já podem determinar todos os elementos do ritmo. E a voz produz som.

A música sempre existiu desde os batimentos cardíacos até o próprio som da natureza; a cada som descoberto, um ritmo diferente surgia. Primitivamente, os primeiros sons e ritmos melódicos foram criados pelos índios, com suas cantorias e rituais que se tornaram costumes indígenas; as músicas primitivas que eram criadas naquela época eram pouco sonoras. O ritmo interessa muito mais ao corpo que o som. Andrade (2003, p. 17) ainda complementa que:

O ritmo “mexe” com a gente. E si, por um lado, era, portanto, mais apto para aguçar as faculdades do corpo, ainda pelos seus valores dinamogênicos, produzia a absorção do indivíduo pela coletividade, socializando-o, lhe determinando o movimento coletivo.

O que é destacado por Andrade aparece em vários momentos históricos desde a antiguidade. Assim como as outras artes, a música sofreu mudanças em função do contexto histórico e social. Da Grécia antiga até o período contemporâneo, a música modificou e moldou-se em função de vários fatores.

No período Antigo, estamos nos referindo ao século V a. C, a música aparece em inúmeros momentos. No período Grego fazia parte da rotina da sociedade, pois os antigos gregos eram um povo eminentemente musical. Nesse sentido, destaca Cerqueira (2007, p. 65) que

a cultura grega clássica conferiu à música um lugar de destaque, definindo-a como formadora do caráter do cidadão, pois possibilitaria o aprendizado da virtude e o desenvolvimento espiritual (enquanto à ginástica caberia o desenvolvimento corporal).

A música no período grego tinha uma presença muito marcante, pois todos os eventos naquela época eram marcados pelas músicas que alegravam e divertiam o povo. Os filósofos do período antigo buscaram refletir sobre a influência da música na vida do homem (CERQUEIRA, 2007).

Já no período Medieval, quando houve um predomínio da igreja católica em todos os aspectos da vida (CAMBI, 1999, p. 121-122), a música teve uma inequívoca evolução. Definir o início ou fim de um período não é uma tarefa fácil para os historiadores; diante disso, podemos dizer que a música medieval em tese acompanha uma cronologia de mil anos.

O período medieval foi marcado pela estrutura praticada pelas himnodias e salmodias, no canto gregoriano, no organus polifônicos, nas composições e ainda nas músicas de trovadores e troveiros (MASSINI-CAGLIARI, 2015).

Embora tenhamos definido de forma muito objetiva o conceito de música, não existe uma unanimidade sobre a definição do termo, mas sim várias teorias para sua definição. Alguns autores e estudiosos defendem que música é a organização de sons e silêncios, uma forma de arte e de expressão humana. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) (BRASIL, 1998, p. 45), o conceito de música é apresentado da seguinte maneira: “A música é a linguagem que se traduz em formas sonoras capazes de expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio da organização e relacionamento expressivo entre o som e o silêncio”. Já Brito (2003, p. 26) define a música como:

Música não é melodia, ritmo ou harmonia, ainda que esses elementos estejam muito presentes na produção musical com a qual nos relacionamos cotidianamente. Música é também melodia, ritmo, harmonia, dentre outras possibilidades de organização do material sonoro. O que importa, efetivamente, é estarmos sempre próximos da ideia essencial à linguagem musical: criação de formas sonoras com base em som e silêncio.

Assim, os elementos que destacamos até aqui, a harmonia, a melodia e o ritmo, não definem por si só a música. Como afirmamos, esses elementos aparecem em graus diferentes em cada música. Essa predominância de um ou outro elemento – harmonia, ritmo e melodia – determinará o seu estilo. Nesse aspecto, os estilos

musicais são variados, são múltiplos e muitas vezes não determinados por um só estilo.

Dentre os estilos musicais globais, temos a música clássica, o rock, o jazz, o pop. Além do ponto de vista mundial, existem inúmeras classificações. Os estilos musicais presentes na música brasileira são múltiplos também, dos quais podemos destacar o Samba, a Bossa Nova, a MPB, o Axé, o Funk, a Eletrônica, o Sertanejo e Hip Hop entre vários outros estilos.

## **MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

A música faz parte da nossa vida, assim como a escrita, a literatura, entre outros conhecimentos. A música enquanto elemento pedagógico, embora presente na sala, nem sempre foi uma disciplina ou arte obrigatória. Apesar de não ter nenhuma lei que obrigue o ensino da música, algumas escolas particulares utilizam esse método.

Se a música se constitui um elemento presente na sala de aula, seria natural que ela estivesse presente nos currículos ou nas leis educacionais. Mas ocorre justamente o contrário. As leis educacionais são omissas em relação à música. Na Lei 4.024/61 e na Lei 5.962/71, não consta nenhum artigo ou referência direta à música, muito menos ao ensino de música nas escolas.

É somente a partir da LDB de 1996 (Lei 9.394/96), especificamente em seu Artigo 3º, inciso II, que há referência a uma experiência formativa e divulgação cultural, que permite, por interpretação, colocar a música como elemento pedagógico. Diz o artigo: “Liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber”; e o tópico X menciona a “valorização da experiência extraescolar” (BRASIL, 1996).

Mesmo não sendo uma disciplina, nem possuindo uma indicação clara de sua utilização pedagógica, a música, como temos argumentado, constitui-se um elemento importante na aprendizagem e no desenvolvimento. A música ajuda no desenvolvimento cognitivo, afetivo e até mesmo na interação com as pessoas; sendo assim, ela pode ser essencial na educação e na formação da criança.

Snyders (1992) comenta que a função mais evidente da escola é preparar os jovens para o futuro, para a vida adulta e suas responsabilidades. Mas ela pode parecer aos alunos como um remédio amargo que eles precisam engolir para assegurar, num futuro bastante indeterminado, uma felicidade um tanto incerta. A música pode contribuir para tornar esse ambiente mais alegre e favorável à aprendizagem, afinal:

Propiciar uma alegria que seja vivida no presente é a dimensão essencial da pedagogia, e é preciso que os esforços dos alunos sejam estimulados, compensados e recompensados por uma alegria que possa ser vivida no momento presente. (SNYDERS *apud* HALINNA SANTOS; COELHO, 2014, p. 49-50).

Com isso, é possível perceber a importância que a música tem na educação, podendo ser incluída nos conteúdos para que assim desperte nos alunos um interesse maior no ensino proposto em sala de aula.

Toda cultura que há no mundo tem um estilo musical. Hans Gunther Bastian (2009, p.34) diz que:

Não há, nem na história nem no presente, uma cultura sem música. Por essa razão, reivindicamos bem claramente: precisamos substituir a cultura de segunda mão por uma autêntica cultura primária, e cultivar progressivamente essa cultura subjetiva, de resto também e das emoções.

A musicalização na escola pode tornar-se uma disciplina de educação musical, pois ela estimula o desenvolvimento cognitivo, emotivo, criativo e psicomotor e, principalmente, as capacidades de aprendizagem do aluno. Além disso, a música pode ajudar a desenvolver a memória, a concentração e o raciocínio lógico da criança. De acordo com Fonseca (2009, p. 343):

A aprendizagem resulta do funcionamento de sistemas funcionais que integram várias áreas ou unidades de cérebro, mais do que resultados de áreas específicas bem determinadas. De acordo com esse axioma, uma dada aprendizagem pode ser afetada quando qualquer parte do sistema funcional por ele responsável estiver igualmente perturbada.

Sendo assim, percebemos que o cérebro funciona com vários tipos de áreas específicas onde o conhecimento fica. O cérebro funciona como uma forma de estímulos para ter uma resposta. Na aprendizagem escolar funciona da mesma maneira. É preciso um estímulo para desenvolver na criança um pensamento que em seguida se manifestará na forma da aprendizagem, ou seja, ensinar um conteúdo colocando música vai despertar na criança um pensamento e, em seguida, o aprendizado, facilitando assim a forma de a criança entender o que está sendo proposto pelo professor. De acordo com Fonseca (2014, p. 241):

Aprender a aprender é, portanto, praticar, treinar, aperfeiçoar e redesenvolver tais funções e capacidades cognitivas, integrando harmoniosamente as capacidades conativas e executivas, que são pouco estimuladas culturalmente e escolarmente, por isso, mal adaptadas, deficitárias, frágeis ou fracas em muitas crianças e jovens que lutam diariamente na sala de aula para terem mais rendimento e aproveitamento na aprendizagem.

Percebemos que aprender não é uma tarefa simples, porém o auxílio da música tornaria esse aprender mais fácil. Como já foi dito, a música faz parte da cultura da sociedade; com isso, quanto mais cedo a criança iniciar com aulas musicais, mais cedo ela terá um desenvolvimento cognitivo mais ativo na sociedade, ajudando em seu crescimento como pessoa e, principalmente, na escola em todos os conteúdos que estão sendo propostos.

## **A MÚSICA, A FORMAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO**

A educação formal compreende um longo processo de ensino e aprendizagem. Esse processo ocorre de maneira linear e leva em conta inúmeros estágios de aprendizagem. Na LDB podemos ver isso de forma muito clara. Diz a LDB em seu Artigo 1º:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. (BRASIL, 1996).

A partir dessa compreensão formativa de que a educação é um processo longo e que ocorre em inúmeras instâncias sociais, a referida lei compreende que a educação escolar possui dois níveis sequenciais de aprendizagem. No seu artigo 21 está escrito: “A educação escolar compõe-se de: I - educação básica, formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio; II - educação superior” (BRASIL, 1996). A lei compreende que o processo educativo ocorre de maneira diversa nos mais variados níveis, e compreende, sobretudo, que existem estágios de desenvolvimento em cada uma dessas etapas.

De forma breve, podemos citar o que compreende essas etapas. A LDB, em seu artigo 29, que versa sobre a educação infantil, diz: A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 1996). Já no artigo 32, que aponta sobre o ensino fundamental, a lei diz:

O ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante: I - o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo (BRASIL, 1996)

Podemos observar que existe uma clara progressão linear dos estudos que leva em conta certos estágios de desenvolvimento intelectual, moral e psíquico. Além da LDB, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) também compreende o processo de ensino e aprendizagem em estágios lineares de desenvolvimento. Na introdução da BNCC vemos:

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. (BRASIL, 2017)

Além disso, no capítulo sobre educação infantil na LDB, uma das etapas é de desenvolvimento e os campos de experiência. No referido capítulo lemos:

**Por meio das diferentes linguagens, como a música, a dança, o teatro, as brincadeiras de faz de conta, elas se comunicam e se expressam no entrelaçamento entre corpo, emoção e linguagem.** (BRASIL, 2017, grifo nosso)

Vimos que a arte e a música aparecem como elementos importantes para o desenvolvimento da criança. Além disso, esse capítulo estabelece uma relação direta com o artigo 26 da LDB, que diz:

Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio, devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos. § 2º O ensino da arte, especialmente em suas

expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório da educação básica (BRASIL, 1996)

De todo modo, para compreendermos melhor esse processo de desenvolvimento infantil, buscaremos entendê-lo a partir dos estágios de desenvolvimento propostos por Piaget que foi um cientista, biólogo, epistemológico e educador Suíço.

Segundo Piaget, o processo de desenvolvimento infantil compreende quatro estágios básicos do desenvolvimento cognitivo. O primeiro é o estágio sensório-motor, que vai até os 2 anos. Entre 2 e 7 anos (CEVOLANE *et al.*, 2017, p. 66) – vale lembrar que nosso objeto de pesquisa está nessa faixa etária – é o estágio que se caracteriza como pré-operacional. No referido estágio, a criança desenvolve sua capacidade de dominar a linguagem e representar o mundo através de símbolos.

O terceiro estágio, entre 7 e 11, diz respeito às operações concretas e corresponde ao estágio de compreender objetos por similaridades e diferenças. A criança já compreende a noção de quantidade – números – e de tempo. E, a partir dos 12 anos, a criança compreende o mundo de maneira lógica e dedutiva. Sobre o pensamento do autor podemos dizer que:

Jean Piaget foi um teórico que conseguiu discutir vários processos cognitivos ao mesmo tempo e, dentre esses processos, preocupou-se muito em desvendar como ocorre o nascimento da inteligência na criança. Será que esta já nasce inteligente? Ou a inteligência é algo que conquistamos com o contato com o mundo exterior? São essas questões que surgem na mente de muitos psicólogos e pedagogos e que muitas vezes são perguntas sem repostas [...] podemos entender que a inteligência é um processo que se inicia desde o nascimento da criança, mas não uma inteligência propriamente dita, mas uma inteligência oriunda dos reflexos e hábitos adquiridos ou inatos do sujeito, pode-se falar então de uma inteligência senso-motora, o que significa dizer que até o desenvolvimento pleno da inteligência várias etapas serão realizadas. (GOMES; GHEDINO, 2011, p. 4)

De todo modo, podemos observar pelo que foi analisado até aqui que a criança tem vários estágios de desenvolvimento, desde a formação no útero até o seu crescimento após o seu nascimento. Piaget dizia que existem três tipos de estruturas em diferentes fases de desenvolvimento: o exercício, o símbolo e a regra (CEVOLANE *et al.*, 2017, p. 66). O exercício se refere ao aparecimento da linguagem e das atividades desenvolvidas na fase entre um e dois anos.

O símbolo aparece na idade de dois até os seis/sete anos nas atividades lúdicas, nas brincadeiras de bonecas, de médico, e até mesmo imitando animais. A regra surge na fase da criança a partir de seis/sete anos em diante, em que surgem os jogos de regras misturando com o simbólico e o exercício (CEVOLANE *et al.*, 2017, p. 73).

A música na educação infantil traz grandes benefícios para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Rodrigues e Rosin (2011, p. 3) afirmam que a música se constitui como:

elemento enriquecedor para o desenvolvimento humano, que proporciona bem-estar e colabora para a ampliação de outras áreas necessárias para a formação plena do indivíduo. Conforme estudos, o aprendizado musical serve como estímulo no período de escolarização, ajudando na apropriação da linguagem, concentração e no aprendizado da matemática.

Através da música, a criança tem oportunidade de aprender aspectos musicais ligados às propriedades sonoras, ao ritmo, e à forma musical. Cada criança se relaciona de uma forma diferente ao som que ouve. Elas desenvolvem movimentos corporais que ajudam a desenvolver aspectos físicos e psicológicos.

Para que a função auditiva se desenvolva com êxito na criança, pode-se usar músicas educativas, despertando-lhe o interesse pela música, a qual poderá ter palavras que incentivam também desenvolver a fala e não só a audição. Ilari e Broock (2013, p. 13) observam que os:

Sons individuais combinados como gestos, motivos e melodias que incorporam nuances de expressividade. Brotam impressões, sensações, e noções. O caráter expressivo é determinado pelas escolhas dentre um amplo cardápio sonoro e pelas maneiras como estas são encadeadas. Graus conjuntos tocados lentamente em legato no registro médio produzem uma sensação espacial e psicológica muito diferente de, por exemplo, saltos irregulares e imprevisíveis executados rapidamente no agudo e em staccato.

A música auxilia na execução dos movimentos corporais, tais como expressar gestos que possam ou não expressar sentimentos e reações que a criança possa estar sentindo. É neste sentido, que ocorre a conexão entre duas dimensões formativas ou disciplinas escolas. Por um lado, temos o corpo, se expressando por gestos, pela dança; por outro temos a audição que, quanto elemento importante para compreensão da arte musical. Aproximar e conectar essas duas dimensões formativas é indispensável para construir uma interdisciplinaridade entre a educação física, enquanto pedagogia do corpo, e a música, enquanto arte. Nesta linha, pontua Olga Pombo (2008, p. 10) que:

Ninguém sabe exatamente o que é a interdisciplinaridade, o que identifica as práticas ditas interdisciplinares, qual a fronteira exata a partir da qual determinada experiência de ensino pode ser dita interdisciplinar e não multidisciplinar, pluridisciplinar ou transdisciplinar.

Visto que a interdisciplinaridade pode significar várias disciplinas interligadas, o uso da interdisciplinaridade na educação é fundamental para o melhor desenvolvimento das crianças nas escolas. Sendo assim, trabalhar disciplinas que podem envolver a música seria fundamental para esse desenvolvimento propriamente dito, pois a música pode ser usada em todas as disciplinas como forma de despertar nas crianças um maior interesse pelo que está sendo ensinado.

Por outro lado, em Piaget (1972), a interdisciplinaridade aparece como um intercâmbio mútuo e integração recíproca entre várias disciplinas, tendo como resultado um enriquecimento recíproco. Ao falar em interdisciplinaridade, Santos (2008, p.28) a considera que:

Nesse sentido, no que tange aos professores, o trabalho interdisciplinar pode auxiliar a superação de currículos fragmentados e desarticulados, tornando o processo educativo uma prática inovadora que possibilite o aluno ver além do disciplinar". Acrescente mais adiante o autor que: [...] mudanças significativas no cotidiano escolar são cruciais, a fim de que sejam criadas condições para que o diálogo entre os pares se estabeleça, bem como, para que se revele uma atitude frente à produção do conhecimento.

Fazenda (1994) aborda que a interação é condição para a efetivação da interdisciplinaridade, a qual pressupõe uma integração de conhecimentos visando novos questionamentos, novas buscas, enfim a transformação da própria realidade.

Piaget definiu o desenvolvimento infantil em quatro partes, que são: sensório-motor, pré-operacional, operacional concreto e operacional formal (VIEIRA; COELHO JUNIOR, 2014, p. 21). O período sensório-motor inicia desde o nascimento até os dois anos de idade, quando o indivíduo começa a desenvolver as habilidades motoras, mas a linguagem ainda é confusa, sendo trabalhada através do choro.

Já a fase pré-operacional acontece entre os dois anos até o sétimo ano da criança, quando começa a surgir o egocentrismo; mesmo já tendo convívio com outras crianças, essa é uma fase difícil, na qual começam a surgir as birras e confrontos (LOPES; MELO, 2012, p. 103). Operacional concreto surge com 8 anos até os 12 anos de idade; nessa fase, a criança já consegue resolver conflitos concretos, como as questões matemáticas, e já começa a florir o senso de justiça. Operacional formal começa aos 12 anos de idade, fase na qual o raciocínio lógico se completa e a adolescência começa, sendo já capazes de resolver problemas lógicos e abstratos (LOPES; MELO, 2012; VIEIRA, COELHO JUNIOR, 2014).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a popularização dos serviços de streaming de áudio, a música está muito mais presente em nosso cotidiano. Se outrora ter acesso à música ou discos dispndia recursos financeiros altos, hoje, um jovem pode ter em seu “smartphone” um número imenso de músicas.

Essa massificação das músicas acaba por influenciar o ambiente escolar e familiar de forma bastante significativa. Esse acesso, sobretudo quando falamos das crianças, deveria ser mediado tendo em vista a formação musical da criança.

Como foi observado no decorrer do artigo, a música traz inúmeros benefícios na formação da criança na educação infantil. A música, mesmo quando não desenvolvida como uma disciplina, tem uma grande influência no desenvolvimento. Nesse sentido, o início da musicalização na educação familiar e a sua solidificação na escola são de grande importância.

Desta forma, tanto os pais quanto os professores deveriam também desenvolver uma boa educação musical, escolhendo um repertório adequado para cada fase do desenvolvimento da criança.

Concluimos que a música deveria estar presente na vida da criança desde o ventre da mãe, pois quando ela chegar à escola e a professora utilizar a música como meio de aprendizagem, ela terá o seu desenvolvimento potencializado.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. **Pequena História da Música**. 10. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2003.

BASTIAN, Hans Gunther. **Música na escola: a contribuição do ensino de música no aprendizado e no convívio social da criança**. São Paulo: Paulinas, 2009.

BEYER, Esther. A interação musical em bebês: algumas concepções. **Revista do centro de Educação**, Santa Maria, v. 28, n. 2, p. 87-98, 2003. Disponível em <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/issue/view/215>. Acesso em: 05 mar. 2022

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC, 1998.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996

BRÉSCIA, Vera Lucia Pessagno. **Educação Musical: bases psicológicas e ação preventiva**. São Paulo: Átomo, 2003.

BRITO, Teca Alencar de. Ferramentas com brinquedos: a caixa da música. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 24, 89-93, set. 2010. Disponível em: [http://abemeducacaomusical.com.br/revista\\_abem/ed24/revista24\\_artigo10.pdf](http://abemeducacaomusical.com.br/revista_abem/ed24/revista24_artigo10.pdf). Acesso em: 05 mar. 2022

BRITO, Teca Alencar. **Música na Educação Infantil: propostas para a formação integral da criança**. São Paulo: Peirópolis, 2003.

BROOCK, Angelita. ILARI, Beatriz. **Música na educação infantil**. Campinas: Papirus. 2013.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

CERQUEIRA, Fábio Vergara. A imagem pública do músico e da música na antigüidade clássica: desprezo ou admiração? **HISTÓRIA, SÃO PAULO**, v. 26, n. 1, p. 63-81, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/rthTN3zRvhp4976BhhtKwjP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 mar. 2022

CEVOLANE, Lucas *et al.* Desenvolvimento humano: um esboço da perspectiva de Jean Piaget. **Revista Dimensão Acadêmica**, v.2, n.1, jan-jun. 2017. Disponível em: <https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2018/09/revista-dimensao-academica-v02-n01-artigo-05.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2022

CHIARELLI, L. K.; BARRETO, S. J. **A importância da musicalização na educação infantil e no ensino fundamental**. 2005. Disponível em: <https://musicaeadoracao.com.br/25473/a-importancia-da-musicalizacao-na-educacao-infantil-e-no-ensino-fundamental/>. Acesso em: 05 mar. 2022

FAZENDA, Ivani C. A. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. 4. ed. Campinas: Papirus, 1994

FILIPAK, Renata; ILARI, Beatriz. Mães e bebês: vivência e linguagem musical. **Revista Música Hodie**, Goiânia, v. 5, n. 1, p. 85 – 100, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/musica/article/view/2656/11548>. Acesso em: 05 mar. 2022

FONSECA, Vitor da. Papel das funções cognitivas, conativas e executivas na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v. 31, n. 96, p. 236-253, 2014. Disponível em: <https://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/62/papel-das-funcoes->

cognitivas--conativas-e-executivas-na-aprendizagem--uma-abordagem-neuropsicopedagogica. Acesso em: 05 mar. 2022

FONSECA, Vitor da. Dislexia, cognição e aprendizagem: uma abordagem neuropsicológica das dificuldades de aprendizagem da leitura. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v. 26, n. 81, p. 339-356, 2009. Disponível em: <https://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/229/dislexia--cognicao-e-aprendizagem--uma-abordagem-neuropsicologica-das-dificuldades-de-aprendizagem-da-leitura>. Acesso em: 05 mar. 2022

HALINNA SANTOS, Halinna; COELHO, Irene da Silva. A música na sala de aula-a música como recurso didático. **Unisanta Humanitas**, v. 3, n. 1, p. 41-61, 2014. Disponível em: <https://periodicos.unisanta.br/index.php/hum/article/view/273>. Acesso em: 05 mar. 2022.

ILARI, Beatriz. Bebês também entendem de música: a percepção e a cognição musical no primeiro ano de vida. **Revista da ABEM**, Recife, v. 10, n. 7, p. 83-90, 2014. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/435/362>. Acesso em: 05 mar. 2022

ILARI, Beatriz; BROOCK, Angelita. **Música e educação infantil**. Campinas: Papyrus Editora, 2017.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LOPES, Maria da Glória. **Jogos na educação: criar, fazer, jogar**. 2. ed.- São Paulo: Cortez, 1999.

LOPES, Renata Ferrarez Fernandes; MELO, Tatiane Coutinho Vieira de; SANTANA, Rodrigo Gomes. Interfaces da terapia cognitivo-comportamental familiar com a teoria piagetiana. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, v. 8, n. 2, p. 101-108, 2012. Disponível em: [https://www.rbtc.org.br/edicao\\_atual.asp](https://www.rbtc.org.br/edicao_atual.asp). Acesso em: 05 mar. 2022

MASSINI-CAGLIARI, G. **A música da fala dos trovadores: desvendando a pro-sódia medieval**. São Paulo: Editora UNESP, 2015. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/py5s2/pdf/massini-9788568334584.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2022

POMBO, Olga. **Interdisciplinaridade: conceitos, problemas e perspectivas**. 2008.

RODRIGUES, Carmen Aguera Munhoz; ROSIN, Sheila Maria. **A importância do ensino de música para o desenvolvimento infantil**. Maringá: UEMA, 2011. Disponível em: <https://docplayer.com.br/2369482-A-importancia-do-ensino-de-musica-para-o-desenvolvimento-infantil.html>. Acesso em: 05 mar. 2022

SANTOS, C. M.; COLOMBO JUNIOR, P. D. Interdisciplinaridade e educação: desafios e possibilidades frente à produção do conhecimento. **Revista Triângulo**, Uberaba - MG, v. 11, n. 2, p. 26-44, 2018. DOI: 10.18554/rt.v0i0.2672. Disponível em:

<https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/revistatriangulo/article/view/2672>. Acesso em: 5 mar. 2022.

VIEIRA, Lívia Fernanda; COELHO JUNIOR, Leconte de Lisle. Dificuldades no desenvolvimento cognitivo frente aos testes Piagetianos em crianças do município de Maceió (AL). **Revista de Educação do Vale do São Francisco-REVSF**, Petrolina v. 2, n. 3, - 20-27, 2012. Disponível em: <http://www.periodicos2.univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/151/47>. Acesso em: 05 mar. 2022

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 5. ed. São Paulo: Ícone, 1994.